

Entrevista com Michel Justamand

Michel Justamand: Graduado e Licenciado em História (1999), Mestre em Comunicação e Semiótica (2002), Doutor em Ciências Sociais/Antropologia (2007) e Pós-Doutor em História (2012) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP; Pós-Doutor em Arqueologia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (2017) e em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia – UFBA (2019); Professor Associado IV do Bacharelado em Antropologia, do Instituto de Natureza e Cultura – INC e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM; Membro da Associação Brasileira de Arte Rupestre – ABAR.

Entrevista concedida via correio eletrônico ao mestrando José Arthur Pereira Landrim da Silva, do Programa de Pós-graduação em História da UFMG e membro da Comissão Editorial da Revista *Temporalidades* gestão 2025.

[Revista Temporalidades]: Niède Guidon foi uma figura incontornável para a arqueologia brasileira e internacional, atuando por décadas na pesquisa, preservação e difusão do patrimônio arqueológico do Brasil. Qual é a dimensão e o impacto desse conjunto de realizações?

[Michel Justamand]: Niède Guidon influenciou minha vida de modo acentuado. Sem ela com certeza não teria tido as mesmas oportunidades que tive. Ela foi importante por me dar uma luz. Sua convicção em edificar uma carreira sólida no interior do Piauí é muito marcada.

O fato dela ter se dedicado, desde o primeiro momento, a pesquisa, em especial, das artes rupestres e o que veio no seu bojo, fazem a diferença. Isso por terem garantido a existência de outros olhares para a História Antiga Indígena do Brasil.

Niède conseguiu elevar de categoria regional para internacional os vestígios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara-PI – PNSC. Mostrando a seriedade desses achados ancestrais para a ocupação do Brasil, mas não só, do continente sul-americano, igualmente. Juntando-se a outros achados que ajudaram a remodelar a estrutura histórica até pouco tempo atrás aceita como certa e única. Foi revolucionária sua contribuição. Não foi feita sozinha. Mas tem muito da sua garra, competência, potência, vontade e disposição.

Sem sombra de dúvidas ajudar a construir, como ela ajudou, dois museus, uma unidade de universitária federal, vários laboratórios arqueológicos, aeroporto, fundação respeitada na região, além de ser influenciadora de inúmeras mulheres na cidade e seu entorno, merecem todo o nosso respeito. Hoje e sempre, Niède Guidon!

[R.T.]: O Parque Nacional Serra da Capivara foi o grande palco da atuação científica e política de Niède Guidon, e sua chegada à região marca um ponto de virada em sua carreira. Como se deu o início dessa jornada e os caminhos que ela trilhou na construção de um projeto tão amplo e transformador para a região?

[M.J.]: O caminhar de Niède Guidon, foi de muita luta. Desde o tempo que esteve alocada na USP como pesquisadora até os primeiros momentos de conhecer os sítios arqueológicos, especialmente, com arte rupestre no que veio a ser, futuramente, o PNSC-PI.

Assim que tomou conhecimento de perto desses vestígios notou seu potencial. Por esse motivo se empenhou em conseguir realizar a pesquisa e construir uma equipe interdisciplinar para ajudar nesse empreendimento científico. Mas que acabou se desdobrando para outros espaços do sudoeste piauiense.

Esses dois momentos estão, historicamente, registrados na década de setenta do século passado. Ali iniciaram esses trabalhos. E foi contando com a ajuda de inúmeros trabalhadores locais que essa conquista se deu. Homens e, especialmente, mulheres dos arredores ofereceram suas contribuições aos intentos de Niède. Conformando um grupo ligando a pesquisa e os desenvolvimentos sociais.

Guidon, prezou e valorizou a relação da sociedade do entorno do PNSC-PI com os vestígios arqueológicos dali. Essa ação foi muito importante para ajudar a desenvolver, crescer e manter o parque. Ela incentivou a criação de empresas relacionadas ao parque. Contribuiu, com a criação do parque, para a multiplicação dos empregos na cidade e seu entorno. Algo que acaba por fazer toda a diferença para as pessoas que moravam nos espaços onde veio a ser o parque.

[R.T.]: O Parque Nacional Serra da Capivara é hoje reconhecido internacionalmente por seu valor histórico, arqueológico e ambiental, mas enfrenta há décadas uma série de desafios relacionados à sua manutenção. Quais têm sido os principais obstáculos e conquistas na conservação desse patrimônio? Como você avalia o papel das políticas públicas e das instituições envolvidas na gestão do parque, incluindo universidades, centros de pesquisa e

os convênios estatais? E, nesse contexto, como garantir o acesso sustentável ao parque e a preservação de seus sítios e acervos?

[M.J.]: Infelizmente o PNSC-PI tem enfrentado problemas com a manutenção que não deveria estar enfrentando. Isso por ter reconhecimento nacional e internacional do seu valor arqueológico, patrimonial e cultural. Além de outros, como social, econômico, turístico. O maior desafio é a falta de alocação de verbas por parte do governo federal. Niède Guidon sempre afirmou que a ajudaria a construir o parque, mas que era preciso alocação de verbas federais para manter essa conquista científica social que é essa instituição, o PNSC-PI.

Já a principal conquista do parque é ter se tornado um centro reconhecido e fonte de pesquisas arqueológicas para o país. Além disso, as conquistas não vistas a olho nu tem que ser valorizadas. Tais como o empoderamento feminino que ocorreu na região pós-existência do parque e de uma figura feminina que serviu de exemplo para outras. É só observar os quadros sociais, políticos, econômicos, de evolução da presença e quantidade das mulheres antes e depois do parque. Era nítido aos olhos de qualquer um que conheça a região. Mas já existe pesquisa de doutorado afirmando esse empoderamento feminino.

Com a criação da unidade universitária federal, centro de pesquisas (como a FUMDHAM) e demais convênios que dali surgiram avalio como super positivos, não só para o desenvolver das atividades relativas à ciência, mas também a outras, como a formação de muitas pessoas. Pessoas que fatalmente contribuíram para o deslanchar das melhores práticas sociais na região. Em busca do que é mais justo, solidário e igualitário. Tenho certeza de que a figura de Guidon está por traz disso tudo na região, podendo ser, é claro, reverberado em outras partes do país.

É preciso ter investimento econômico de verdade. O governo federal deve tomar para si o parque. Em outros locais do mundo, algo que tenha sido desenvolvido como esse foi, teria todo apoio governamental para sua manutenção. É claro que todas as formações, institucionais ou não, contribuem para essa preservação. Temos como certo de que o que é o parque hoje, em termos de preservação, não seria se nada tivesse sido feito. Em especial pela destemida Guidon e sua gloriosa equipe. Muitas pessoas a acompanham faz anos, ou melhor, décadas na verdade.

[R.T.]: O acervo arqueológico da Serra da Capivara continua a inspirar investigações, levantando questões e abrindo novas possibilidades interpretativas sobre o passado humano no continente americano. Quais têm sido os principais desdobramentos recentes nas

pesquisas realizadas na região? Há novas abordagens teóricas ou metodológicas que vêm sendo aplicadas ao estudo da arte rupestre, da ocupação pré-histórica ou da paisagem cultural da Serra? Que potencialidades ainda permanecem inexploradas?

[M.J.]: Tenho me debruçado com colegas de diferentes instituições sobre alguns temas das pinturas rupestres, aparentemente, reconhecíveis para os olhos atuais.

Esses meus estudos, pesquisas e escritos, com o coletivo de colegas, tem por base algumas categorias, chamo assim, criadas pela equipe de Guidon, quando se depararam com as cenas rupestres e seus detalhes. Niède publicou aqui e ali artigos e ou capítulos de livros com as indicações de 04 temáticas rupestres. Temáticas que se mantêm ao longo dos milhares de anos de presença humana e das suas produções rupestres. Mesmo que tenham sido alteradas as formas de pintar, chamadas de tradições.

As temáticas são: Caça, Dança, Cerimoniais e Sexo.

Em cada uma dessas temáticas tenho publicado artigos e ou capítulos de coletâneas, onde sou um dos organizadores ou convidado. Esses temas oferecem uma série de desdobramentos em seus interiores. A de sexo, por exemplo, que mais publiquei, oferece a oportunidade de pensarmos sobre as variedades de posições, a quantidade de pessoas ao mesmo tempo na cena, a diversidade sexual dos parceiros, o sexo com outros animais. Entre outros temas que podem ser ali encontrados. Não descarto a existência de cenas com mais temáticas.

Então, vejo que o parque oferece um potencial sem fim para as mais variadas pesquisas, sejam as de cenas rupestres, como de igual modo, as de outras áreas, líticos, cerâmicas, ossadas.

[R.T.]: Você desenvolve uma linha de pesquisa relevante na Serra da Capivara, voltada especialmente para as pinturas rupestres. Poderia nos contar um pouco mais sobre esse trabalho? Como essa abordagem contribui para ampliar nossa compreensão sobre os modos de vida, as expressões simbólicas e os corpos do passado?

[M.J.]: Como salientei na resposta anterior, realmente, trabalhei e pesquisei em alguns momentos, especialmente, sobre cenas da sexualidade rupestre. Esses trabalhos se relacionam com dois pós-doutorados realizados um na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, em História e na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, em Arqueologia. Vejo como sendo interessante tratar de alguns estudos que fiz, como os dois pós-doutorados, mas ainda há um outro, que comentarei a seguir. É atraente abordar esses estudos por mostrarem a minha relação de produção e busca de

conhecimentos científicos a partir das pinturas rupestres. Ainda mais as do PNSC-PI. Um legado da Niède Guidon, sem dúvidas, essa minha busca.

Pelo curso feito da PUC/SP publiquei o capítulo de livro: *As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino*. Esse texto foi parte da coletânea *História e representações: cultura, política e gênero*, editado pela Achiamé, em 2012. Nesse trabalho procurei mostrar o grande valor das mulheres para os grupos humanos ancestrais. Concluí o estágio pós-doutoral e seus estudos, em 2012. Ainda, nesse mesmo ano, tive a oportunidade de publicar a minha dissertação de mestrado em forma de livro, nomeada: *Comunicar e educar no território brasileiro: uma relação milenar*, pela Alexa Cultural. Onde mostro a relevância das pinturas rupestres como uma forma de comunicação pelo país como um todo.

Já a derradeira finalização, do pós-doutorado na PUC/SP, se deu com a publicação do livro: *A mulher rupestre: representações do feminino nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí*, em 2014, pela editora Alexa Cultural. Esses escritos têm relação com os resultados dos trabalhos de campo feitos em 2011 e 2012, no PNSC-PI.

No ano de 2014 ingressei em um outro pós-doutorado. Dessa vez, na UNICAMP, no Departamento de História, mas com a pesquisa voltada, naturalmente, para as pinturas rupestres. Lá tive a oportunidade de publicar artigos digitais, capítulos de livros e obras completas como forma de conclusão do curso, mas também contribuindo para ampliar o meu relacionamento com o tutor e outros colegas e pares de pesquisas e escritas. Uma história de sucesso editorial que se mantém até o hoje. Quero deixar registrado aqui um desses trabalhos publicados em revista - *Rochas de livres prazeres*, publicado na prestigiosa Revista de História da Biblioteca Nacional. Ali tratei de mostrar que ao registrarem práticas sexuais variadas em suas pinturas rupestres, nossos ancestrais demonstravam que lidavam naturalmente com o corpo e os desejos.

Voltando ao sucesso da minha parceria com o supervisor do pós-doutorado na UNICAMP, Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari. Lembro de algumas das obras que a parceira gerou: *Arqueologia da Sexualidade* (Michel Justamand, Pedro Paulo A. Funari e Andrés Alarcón-Jiménez, 2016); *Arqueologia do Feminino* (Andrés Alarcón-Jiménez, Gabriel Frechiani de Oliveira, Michel Justamand e Pedro Paulo A. Funari, 2017); *Arqueologia da Guerra* (Gabriel Frechiani de Oliveira, Michel Justamand, Pedro Paulo A. Funari e Vanessa da Silva Belarmino, 2017); *Arqueologia e Turismo* (Michel Justamand, Pedro Paulo A. Funari e Andrés Alarcón-Jiménez, 2018) e *Uma história do povoamento do continente americano pelos seres humanos* (Gabriel Frechiani de Oliveira, Michel Justamand e Pedro Paulo A. Funari, 2019). Cinco livros que tem

contribuído para as nossas atuais produções digitais. Contudo, esperamos serem uteis para outras autorias. Por tratarem das relações das pinturas rupestres com temas admiráveis e visualmente reconhecidos, como sexualidade, feminino, conflitos, turismo e o povoamento, para cultura e sociedade humana.

Em seguida ingressei em outro pós-doutoramento com a intenção de desdobrar mais um tema oriundo da tese. No primeiro estágio pós-doutoral o desdobramento foi com o tema das mulheres nas pinturas rupestres. O segundo a sexualidade presente nas cenas rupestres. Esse último estudo seria baseado num subtema da sexualidade que são as relações entre pessoas do mesmo sexo nas pinturas rupestres.

O estágio pós-doutoral da temática das relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, ocorreu entre 2018-2019 na Universidade Federal da Bahia, no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Lá tive a oportunidade de produzir alguns artigos com esse tema. Mas um deles merece destaque. É o intitulado: *Questões queer para analisar os registros rupestres com cenas que sugerem práticas sexuais na Serra da Capivara*, publicado na revista da Sociedade Brasileira de Arqueologia – SAB, em 2019. Contou com a parceria de Leandro Colling (supervisor do pós-doutorado), Gabriel Frechiani de Oliveira e Antoniel dos Santos Gomes Filho.

Todavia, atualmente, tenho diversificado as visões e usos das cenas. Além de partir para outros temas. Investi em levar adiante um indicativo, feito em artigos e capítulos de livros, pela pesquisadora Guidon. Essas temáticas tenho chamado, pessoalmente, de categorias de análises, apontadas pela pesquisadora, na resposta anterior, caça¹, ceremoniais², dança³ e sexo⁴. Tenho publicado, tais temáticas, como se pode ver, com uma série de colegas de diversas instituições e locais do país.

¹ JUSTAMAND, MICHEL; BALBINO, ANA CRISTINA ALVES; PAIVA, LEANDRO; FONTES, MAURO ALEXANDRE FARIAS; BELARMINO, VANESSA; COTES, MARCIAL; OLIVEIRA, GABRIEL FRECHIANI DE; ALMEIDA, VITOR JOSÉ RAMPANELI DE; QUEIROZ, ALBÉRICO NOGUEIRA DE; CARVALHO, OLIVIA ALEXANDRE DE; FUNARI, PEDRO PAULO ABREU. Representações do ato de caçar nas pinturas rupestres do PNSC - PI: arremessar, cercar e/ou segurar. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, v. 18, p. e20613-31, 2025.

² JUSTAMAND, MICHEL; BALBINO, A. C. A.; ALMEIDA, V. J. R.; BUCO, C. A.; FUNARI, P. P. A.; FONTES, M. A. F.; COTES, M.; OLIVEIRA, G. F. Indícios da religiosidade ancestral brasileira. Há contornos místicos nas pinturas rupestres do PNSC-PI? In: JÚLIO CÉSAR SUZUKI, HEITOR ANTÔNIO PALADIM JÚNIOR e RITA DE CÁSSIA MARQUES LIMA DE CASTRO. (Org.). *Saberes Tradicionais e Ciências Diálogos Transfronteiriços* FFLCH-USPPROLAM-USP2025. Tomo I. 1ed. São Paulo: FFLCH: PROLAM/USP, 2025, v. 1, p. 251-302.

³ COTES, M.; PAIVA, L.; MONTARDO, D. L. O.; JUSTAMAND, MICHEL; SOARES, A. A.; FUNARI, P. P. A.; BUCO, C. A.; PINTO, A.; FRECHIANI, G. O.; ALMEIDA, V. J. R. RITMOS ANCESTRAIS: A DANÇA NAS PINTURAS RUPESTRES DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA - PNSC/PI. In: Jeferson Bastos e Luiz Davi Vieira Gonçalves. (Org.). *Tabihuni: corpo, performances e rituais*. 1ed. Cachoeirinha: Fi, 2024, v. 1, p. 147-174.

⁴ JUSTAMAND, MICHEL; FUNARI, P. P. A.; MARQUES, M.; FONTES, M. A. F.; SANTOS JUNIOR, W. R.; BALBINO, A. C. A.; COTES, M.; OLIVEIRA, G. F.; ALMEIDA, V. J. R.; PAIVA, L.; OLIVEIRA, M. F.; BELARMINO,

São esses 04 temas que tem me chamado a atenção para desenvolver melhor e em mais produções atualmente. Mas não só esses temas. Penso que há outros 03. Por isso, tenho me interessado pelas 1 - cenas só de animais não-humanos, as 2 - dessa relação com as representações humanas e 3 - as da de humanos com os fitomorfos, plantas, em especial as representações de árvores. Lá são conhecidas como cenas do ritual da árvore. Esse tipo de continuidade das análises pode ser considerado além disso, como os pós-doutorados, mais desdobramentos da minha tese de doutorado, intitulada: *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato Piau*⁵. Lá analisei uma série de cenas desses temas, caça, sexo, dança, conflitos, entre outras. Assim, retrabalhar esses temas, dessa vez, em forma de artigos pode ser entendido como esse desdobrar da tese⁶. Uma nova contribuição para se pensar, refletir, dialogar com os pares, ou impares, das ciências. Onde nenhum de nós tem a verdade definitiva, apenas algumas sugestões a contribuir.

Vale ainda a pena lembrar que antes da dissertação, tese e dos pós-doutorados, das publicações em forma de livros e artigos desses trabalhos, fiz outros. Foram cinco publicações livrescas tratando de temas que me interessavam muito naqueles momentos, entre 2005 e 2007. São as obras intituladas: *As pinturas rupestres na história e na antropologia: uma breve contribuição*, de 2005 e *As pinturas rupestres nos livros didáticos de história*, de 2006, ambos pela Editora Margé; as outras três foram editadas pela Alexa, são elas: *As pinturas rupestres na cultura: uma integração fundamental*, de 2006; *As relações sociais nas pinturas rupestres*, e, por fim, *Pinturas rupestres do Brasil: uma pequena contribuição*, ambas de 2007. Essas obras são do início da minha carreira. Mas penso que tem valor em mostrar esforços pessoais em divulgar a ciência e merecem não serem esquecidas.

Dentro dessas produções o que se pode tirar é que são muitas as possibilidades de pesquisas e temas a serem conhecidos e debatidos. Tenho certeza de que existem outros muitos e comportam as mais diferentes análises.

[R.T.]: De que maneiras o acervo da Serra da Capivara vem sendo explorado no campo do ensino, seja na educação básica, seja na formação universitária? Você poderia compartilhar

V. S.; CALDEIRAS, A.; RABELLO, G. THE REPRESENTATIONS OF ANCESTRAL SEXUALITY IN ROCK ART, SERRA DA CAPIVARA NATIONAL PARK, PIAUÍ, BRAZIL. *Anuario de Arqueología* da Universidade Nacional de Rosário, v. 15, p. 09-17, 2023.

⁵ Ver: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3832/1/michel.pdf>

⁶ Transformada em livro: *O Brasil Desconhecido As Pinturas Rupestres De São Raimundo*, editora Alexa Cultural, ano 2015, 2^a edição.

iniciativas em andamento, como a elaboração de materiais pedagógicos ou manuais didáticos, voltados à popularização e ao uso educativo dos materiais?

[M.J.]: Eu tive uma experiência como professor do ensino básico de 1995 a 2009. Nesse período consegui abordar as cenas rupestres diversas vezes, algumas nas salas de aula das turmas que eu era professor. Em outras fui convidado a palestrar sobre esse tema, as pinturas rupestres da Serra da Capivara. Sempre foi um tremendo prazer. Entre 2002 e 2007 fui professor universitário de instituições públicas e privadas. Lá também tive algumas oportunidades de apresentar as cenas rupestres.

Já entre os anos de 2009 a 2025 tenho atuado como professor universitário federal. Nesse momento, presente, além das publicações acadêmicas, como artigos digitais, tenho participado de coletâneas. Entre elas há as de cunho educacional. Como os volumes atuais da coleção *Arte Rupestre Brasileira: múltiplas visões*, vol. 1, 2, 3 e 4. Os volumes 3 e 4 estão em andamento. Devem ser publicados ainda esse ano.

Nessa coleção, que está disponível para qualquer pessoa, gratuitamente, no site da ABAR, por exemplo, temos recebido, editado e publicado, capítulos, nos volumes 1 e 2, mas também adianto nos que estão no prelo, que tratam de como lidar com as cenas rupestres, sejam as do parque piauiense sejam as de outros locais.

Desde o meu primeiro texto publicado, *A presença das pinturas rupestres nos livros didáticos de História no Brasil – de 1960 a 2000*⁷, já me preocupava com os usos das cenas rupestres nas escolas e, em especial, nos manuais didáticos. Esses livros para algumas pessoas são o único referencial de história. Assim, tais tomos não podem errar. É o que me parece. Por isso, desenvolvi a pesquisa de TCC, a época na PUC-SP. Com esse intuito buscar um caminho de análise onde ocorre o mínimo de erro possível nas publicações didáticas.

[R.T.]: Considerando tudo o que Niède Guidon construiu, lutou e deixou como marca em sua trajetória, como você imagina que ela gostaria de ser lembrada por aqueles que hoje continuam seu trabalho? Que imagem ou mensagem você acredita que ela nos deixa como pesquisadora, gestora e defensora incansável da história profunda do Brasil?

[M.J.]: A marca que ela deixou e da sua obra é fundante no Brasil. Apesar de existirem outras autorias, pesquisadores, o que a luta dessa pioneira nos deixou é muito significativo, único e capaz de influenciar

⁷ Revista Espaço Acadêmico, n. 38, julho de 2004.

gerações. Não só a minha, a anterior, mas também outras que virão. Somos devedores de uma conduta tão vigorosa. Capaz de mover mundos e fundos pelo bem do patrimônio que ajudou a divulgar. Criando um continuum entre nós. Sou um desses com uma “dívida”, nesse continuum, acadêmica impagável.

Imagino que ela queria ser lembrada como quem batalhou pelo que achou certo. Batalhou para que a cultura fosse valorizada. Pela ancestralidade nacional tivesse seu devido reconhecimento, seja a indígena ou a africana. E que essas contribuições para a edificação da nossa identidade brasileira tivessem uma origem aqui e não em outras paragens.

Deixou-nos uma imagem de que vale a pena acreditar e lutar pelo que se acredita. Ainda mais quando é com seriedade, competência, excelência, voltada para o bem comum, coletivo, ancestral, para sempre e de todos. Eu acredito nisso. Acredito que a educação tem contribuição a oferecer e que ela tinha essa visão. Desde quando incentivou a existência das escolas nas comunidades do entorno do parque até a construção das instituições voltadas para a pesquisa, seja a universidade seja a FUMDHAM.